



MINISTÉRIO DA FAZENDA
Conselho Administrativo de Recursos Fiscais



PROCESSO	13607.000860/2011-27
ACÓRDÃO	3301-015.507 – 3ª SEÇÃO/3ª CÂMARA/1ª TURMA ORDINÁRIA
SESSÃO DE	17 de agosto de 2026
RECURSO	VOLUNTÁRIO
RECORRENTE	FERGUBEL FERRO GUSA BELA VISTA LTDA
INTERESSADO	FAZENDA NACIONAL

Assunto: Processo Administrativo Fiscal

Período de apuração: 01/06/2010 a 01/01/2011

PRESCRIÇÃO INTERCORRENTE ADMINISTRATIVA. INAPLICABILIDADE.

Não se aplica a prescrição intercorrente no processo administrativo fiscal regido pelo Decreto nº 70.235/1972, nos termos da Súmula CARF nº 11.

PEDIDO DE RESTITUIÇÃO CONSIDERADO NÃO FORMULADO. DCOMP ELETRÔNICA NÃO HOMOLOGADA. VIAS RECURSAIS DISTINTAS.

A decisão que considera não formulado pedido de restituição em formulário físico e a decisão de não homologação da DCOMP eletrônica submetem-se a vias recursais próprias. A mera pendência do recurso administrativo relativo ao pedido de restituição não impõe, por si só, o sobrestamento do contencioso instaurado contra a não homologação da DCOMP.

RECURSO ADMINISTRATIVO. LEI Nº 9.784/1999. EFEITO SUSPENSIVO. COMPETÊNCIA.

O recurso administrativo regido pela Lei nº 9.784/1999 não possui efeito suspensivo automático. A concessão excepcional desse efeito compete à autoridade recorrida ou à imediatamente superior, nos termos do art. 61 da referida Lei, não cabendo ao CARF apreciar pedido destinado à sua atribuição.

RECURSO VOLUNTÁRIO. LIMITES DO EFEITO DEVOLUTIVO. DIREITO CREDITÓRIO. AUSÊNCIA DE IMPUGNAÇÃO. NÃO CONHECIMENTO.

Não tendo o Recurso Voluntário impugnado os fundamentos materiais adotados pela decisão de primeira instância para manter a não homologação da compensação, tais matéria não são devolvidas à apreciação do CARF.

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos os presentes autos.

Acordam os membros do colegiado, por unanimidade de votos, em conhecer parcialmente do recurso voluntário e na parte conhecida, rejeitar a preliminar de prescrição.

Assinado Digitalmente

Rodrigo Kendi Hiramuki – Relator

Assinado Digitalmente

Paulo Guilherme Deroulede – Presidente

Participaram da sessão de julgamento os conselheiros Marcio Jose Pinto Ribeiro, Keli Campos de Lima, Rodrigo Kendi Hiramuki, Rachel Freixo Chaves, Carlos Marcelo Gouveia e Paulo Guilherme Deroulede (Presidente).

RELATÓRIO

Trata-se de processo administrativo que tem por objeto pedido de restituição via formulário e da declaração de compensação (DCOMP) 22283.35355.221211.1.7.04-0731 (retificadora da DCOMP original 31866.99440.301111.1.3.04-2940), transmitida eletronicamente e vinculada ao crédito indicado naquele pedido, relativamente a valores que a contribuinte entende recolhidos indevidamente a título de Cofins, sob o fundamento de inclusão do ICMS nas respectivas bases de cálculo.

Conforme consta do Despacho Decisório (fls. 26 à 33), a contribuinte protocolizou, em 22/11/2011, pedido de restituição no montante de R\$344.273,27, referente aos períodos de apuração de 01/06/2010 a 01/01/2011 (Cofins), sob a justificativa de que o programa PER/DCOMP não disponibilizaria campo próprio para o crédito pretendido.

Posteriormente, transmitiu eletronicamente a DCOMP nº 31866.99440.301111.1.3.04-2940 (retificada pela DCOMP 22283.35355.221211.1.7.04-0731), por meio da qual utilizou o referido crédito para compensação de débitos próprios.

Por meio do Despacho Decisório (fls. 26-33), a Autoridade Fiscal concluiu, de um lado, pela ausência de justificativa apta a autorizar a apresentação do Pedido de Restituição mediante formulário físico, considerando-o NÃO FORMULADO e de outro, relativamente à DCOMP

transmitida eletronicamente, decidiu não homologá-la, por entender inexistente o direito creditório nela utilizado.

A Autoridade Fiscal fundamentou a não homologação, em síntese, na ausência de previsão legal para exclusão do ICMS da base de cálculo da Cofins, na inadequação do instrumento utilizado para a recuperação do crédito alegado e na insuficiência de documentação comprobatória.

Cientificada, a contribuinte apresentou, em 19/04/2012, duas peças de natureza distinta.

A primeira consistiu em recurso administrativo fundamentado no artigo 56 da Lei nº 9.784/99, dirigido contra o ato que considerou não formulado o pedido de restituição em formulário (fls. 36-45).

A segunda consistiu em Manifestação de Inconformidade (fls. 56-77) contra a não homologação da DCOMP, na qual, além de questionar a impossibilidade de utilização da manifestação de inconformidade relativamente ao pedido de restituição considerado não formulado, sustentou, no mérito, a exclusão do ICMS da base de cálculo da Cofins, a existência do direito creditório, a possibilidade de apresentação da documentação comprobatória e o direito à correspondente atualização.

A 6ª Turma da DRJ/BHE, por meio do Acórdão nº 02-87.504, conheceu parcialmente da Manifestação de Inconformidade. Não conheceu das razões dirigidas especificamente contra o ato que considerou não formulado o pedido de restituição, por entender que eventual impugnação dessa decisão deveria seguir o rito da Lei nº 9.784/99.

Quanto aos débitos objeto da DCOMP, consignou que sua exigibilidade permanecia suspensa por força do artigo 74, §11, da Lei nº 9.430/96.

Na parte conhecida, julgou improcedente a Manifestação de Inconformidade e manteve a não homologação da DCOMP. Em relação ao direito creditório, concluiu que o ICMS deveria integrar as bases de cálculo da Cofins e, adicionalmente, que a contribuinte não apresentou documentação suficiente para comprovar a certeza e a liquidez do crédito alegado.

Irresignada, a Interessada interpôs o presente Recurso Voluntário.

Preliminarmente, suscita a ocorrência de prescrição intercorrente administrativa em razão do período transcorrido entre a apresentação das peças administrativas e o julgamento pela DRJ.

Quanto ao Pedido de Restituição considerado não formulado, afirma ter apresentado tempestivamente recurso com fundamento na Lei nº 9.784/1999, que não teria sido devidamente processado, defendendo que o mérito do pedido somente poderia ser examinado depois da apreciação daquele recurso.

Sustenta, ainda, que a consideração do pedido de restituição como não formulado teria impedido a apreciação do mérito do direito creditório e que, por essa razão, seria prematuro concluir pela inexistência de crédito líquido e certo, pela insuficiência de documentação ou pela cobrança dos valores objeto da DCOMP.

No mesmo sentido, afirma expressamente que a análise do mérito teria restado prejudicada e que seria necessário julgar previamente o recurso regido pela Lei nº 9.784/1999 antes de decidir sobre as compensações realizadas.

O Recurso Voluntário não contém capítulo destinado a impugnar especificamente os fundamentos materiais adotados pela DRJ quanto à inclusão do ICMS nas bases de cálculo da Cofins ou quanto à insuficiência da documentação comprobatória do direito creditório, matérias que a Recorrente reputa, ao contrário, ainda insuscetíveis de apreciação.

Ao final, requer: o reconhecimento da prescrição intercorrente; como consequência, a homologação tácita das compensações e a extinção do respectivo processo de cobrança; subsidiariamente, a remessa do recurso apresentado com fundamento no art. 56 da Lei nº 9.784/1999 à autoridade competente, para reconsideração da decisão que considerou não formulado o Pedido de Restituição; e a suspensão da exigibilidade das cobranças enquanto pendentes os recursos administrativos.

É o relatório.

VOTO

Conselheiro **Rodrigo Kendi Hiramuki**, Relator

1 ADMISSIBILIDADE

O recurso voluntário é tempestivo e preenche os demais requisitos de admissibilidade.

Passo ao exame das matérias suscitadas no Recurso Voluntário.

2 PRELIMINARES

2.1 DA PRESCRIÇÃO INTERCORRENTE ADMINISTRATIVA E HOMOLOGAÇÃO TÁCITA

A recorrente suscita a ocorrência de prescrição intercorrente administrativa, ao argumento de que o processo teria permanecido sem movimentação por período superior a seis anos na instância de origem.

Os precedentes judiciais invocados pela recorrente, notadamente o AgRg no REsp nº 1.401.371/PE e o AgRg no REsp nº 1.172.640/DF (não são processos tributários), ambos do STJ, bem como as Apelações Cíveis nº 59603816-6 e nº 597200054, do TJRS (processos tributários estaduais), não afastam essa conclusão.

Além de versarem sobre contextos administrativos diversos, tais julgados não prevalecem, no âmbito deste Conselho, sobre a orientação específica e vinculante da Súmula CARF nº 11, segundo a qual não se aplica a prescrição intercorrente ao processo administrativo fiscal.

“Não se aplica a prescrição intercorrente no processo administrativo fiscal. (Vinculante, conforme Portaria MF nº 277, de 07/06/2018, DOU de 08/06/2018).”

Do mesmo modo, a invocação de preceitos constitucionais não permite a este Conselho afastar a aplicação do mencionado entendimento uma vez que o CARF não é competente para se pronunciar sobre a inconstitucionalidade de lei tributária, Súmula CARF nº 02.

A Recorrente requer, como consequência do reconhecimento da prescrição, que sejam declaradas tacitamente homologadas as compensações realizadas.

O pedido foi formulado expressamente como decorrência da preliminar ora rejeitada, razão pela qual não subsiste o pressuposto sobre o qual foi deduzido.

Ademais, a DCOMP foi objeto de pronunciamento expresso da Autoridade Fiscal, que decidiu por sua não homologação em abril de 2012, portanto muito antes do transcurso do prazo de cinco anos previsto.

O prazo legal diz respeito à ausência de decisão administrativa sobre a compensação, e não ao tempo necessário para o encerramento de todo o contencioso posteriormente instaurado.

Do exposto, rejeitada a preliminar de prescrição, resta prejudicado o pedido de homologação tácita da DCOMP.

2.2 RECURSO ADMINISTRATIVO DA LEI 9.784/99 E DA PREJUDICIALIDADE DO JULGAMENTO DA DCOMP

A Recorrente sustenta que o recurso administrativo apresentado contra a decisão que considerou não formulado o pedido de restituição deveria ser apreciado antes que se pudesse examinar o direito creditório e as compensações realizadas.

A controvérsia exige distinguir os dois atos administrativos praticados no caso concreto.

Conforme se extrai do Despacho Decisório, o pedido de restituição apresentado mediante formulário físico foi considerado não formulado, enquanto a DCOMP nº 22283.35355.221211.1.7.04-0731, posteriormente transmitida por meio eletrônico e vinculada ao mesmo direito creditório, foi expressamente não homologada.

Embora relacionados ao mesmo crédito, os dois atos deram origem a decisões administrativas distintas e sujeitas a vias recursais próprias.

A decisão que considerou não formulado o pedido de restituição foi objeto do recurso administrativo fundamentado no art. 56 da Lei nº 9.784/1999. O referido dispositivo estabelece que o recurso é dirigido à autoridade que proferiu a decisão, a qual, se não a reconsiderar, deverá encaminhá-lo à autoridade superior.

A DCOMP, diversamente, foi transmitida eletronicamente, apreciada pela autoridade fiscal e não homologada, hipótese para a qual a Lei nº 9.430/96 institui o contencioso administrativo fiscal.

Foi precisamente essa distinção que orientou o Acórdão recorrido. A DRJ não conheceu da insurgência dirigida contra a decisão que considerou não formulado o pedido de restituição, por entender que a sua contestação deveria seguir o rito próprio, mas conheceu da Manifestação de Inconformidade relativamente à não homologação da DCOMP e apreciou os fundamentos materiais do direito creditório.

A circunstância de os dois procedimentos terem por referência o mesmo direito creditório não significa, entretanto, que sejam materialmente iguais.

A pendência do primeiro recurso não retira, por si só, a competência das instâncias do processo administrativo fiscal para apreciar a decisão de não homologação da DCOMP. Isso não significa reconhecer independência material entre os procedimentos, uma vez que eventual reconhecimento ou utilização do mesmo crédito em uma das vias repercute sobre sua disponibilidade na outra e deverá ser considerado pela Administração, a fim de impedir seu duplo aproveitamento.

Tampouco se afirma que uma DCOMP possa se homologada sem a demonstração da existência, certeza, liquidez e disponibilidade do crédito nela utilizado. Ao contrário, a verificação desses requisitos integra o próprio procedimento de homologação da compensação.

Rejeito, portanto, a alegação de que o julgamento da DCOMP deva aguardar **necessariamente** a solução do recurso administrativo do pedido de restituição.

Quanto ao pedido específico para que este Conselho determine o processamento, a remessa ou a reconsideração daquele recurso, não compete ao CARF substituir-se às autoridades competentes pela via recursal prevista no art. 56 da Lei nº 9.784/1999.

Dessa forma, não conheço dessa pretensão.

3 MÉRITO

No mérito, a Recorrente se limita a discutir a suspensão da exigibilidade.

3.1 DA SUSPENSÃO DA EXIGIBILIDADE

A Recorrente requer a suspensão das cobranças vinculadas ao processo de cobrança nº 13609.720380/2012-47 e ao respectivo documento de arrecadação, em razão da pendência dos recursos administrativos.

Também aqui devem ser distinguidos os efeitos das duas vias recursais.

Quanto aos débitos objeto da DCOMP, a própria decisão recorrida reconheceu que a suspensão da exigibilidade decorria diretamente do art. 74, § 11, da Lei nº 9.430/1996 enquanto pendente o contencioso instaurado contra a não homologação da compensação. A legislação efetivamente atribui à manifestação de inconformidade e ao recurso relativos à não homologação os efeitos do art. 151, III, do CTN quanto aos débitos objeto da compensação.

Não há, portanto, sucumbência da Recorrente nesse ponto, pois o efeito jurídico pretendido já foi reconhecido pela própria DRJ e decorre diretamente da legislação.

Situação diversa diz respeito ao recurso interposto com fundamento na Lei nº 9.784/1999. Nos termos do art. 61 dessa Lei, o recurso administrativo não possui efeito suspensivo automático, cabendo à autoridade recorrida ou à imediatamente superior, diante das circunstâncias previstas no dispositivo, atribuir-lhe excepcionalmente esse efeito.

Consequentemente, não conheço do pedido de suspensão da exigibilidade: quanto aos débitos discutidos no contencioso da DCOMP, por ausência de interesse recursal, uma vez que a suspensão já foi reconhecida pela decisão recorrida; e, quanto à pretensão de atribuição de efeito suspensivo ao recurso regido pela Lei nº 9.784/1999, por não competir a este Colegiado sua apreciação.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, voto por conhecer parcialmente do Recurso Voluntário e, na parte conhecida, rejeitar as preliminares arguidas.

É como voto.

Assinado Digitalmente

Rodrigo Kendi Hiramuki